

As religiões de matrizes africanas possuem uma relação de trocas de aprendizados com o meio ambiente. Os rituais giram em torno dos elementos, água, ar, fogo e terra, e dos encantamentos que produzem quando utilizados nos ritos espirituais. Com efeito, a natureza é ancestral assim como as entidades cultuadas nos terreiros. Nas casas de cultos as atividades se desenvolvem em torno destas substâncias naturais. Com isso, as “preservações” à natureza são formas que os povos de terreiros nutrem para obter comunicação recíproca, obtendo os benefícios. Assim sendo, o terreiro é a natureza e a natureza é o próprio terreiro, sem estas trocas não acontecem rituais. Nos ensinamentos, a relação de contiguidade é repassada de geração em geração à comunidade religiosa, doutrina que pais, filhos de santo e assistentes executam cotidianamente nos trabalhos de auxílio à saúde e a situações do dia a dia. Este aprendizado, muito embora, restrito aos religiosos da casa, seguem as orientações das entidades, com isso podem ser utilizado como modelo para que a escola introduza às práticas educativas curriculares. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar como os ensinamentos do chão do terreiro pode contribuir para mudanças significativas no chão da escola quanto aos cuidados com o meio ambiente e construir uma consciência ambiental na educação formal a partir das relações de respeito praticadas em religiões de matrizes africanas, estabelecendo, portanto, uma consciência sobre a unidade homem e natureza. Para compreender estes aspectos parto da minha convivência em terreiros, da observação participante e de bibliografias sobre o assunto. Com efeito, Oliveira (2023) faz uma abordagem sobre terreiros e ancestralidade, como os elementos contribuem para a corporeidade. Davi (2002), discorre como as religiões afro tende a despertar uma consciência ecológica nos sujeitos. No percurso, Breganholi & Presti (2024), faz pontuações de como os espaços de práticas das religiões de matriz africanas são uma fonte bastante promissora para a educação ambiental, uma vez que o amor e o cuidado com a natureza são intrínsecos ao culto. Fernandes (2007), aponta para a reorientação curricular nas escolas como integração social e Candau (2007), assevera sobre a importância de promover no currículo a tomada de consciência da construção da identidade cultural assumindo a apropriação dos saberes. Portanto, seja no Candomblé, no Tambor de Mina na Umbanda, ou na Pajelança, a natureza é a base para que os terreiros desenvolvam suas práticas religiosas sendo experiências educativas positivas. Neste sentido, espera-se que estes preceitos utilizados nos terreiros sirvam como modelos para que escolas possam adaptar às aulas contribuindo para a atividade que já faz os terreiros, deixando o um legado às novas gerações da importância do meio ambiente para a humanidade.